





A ARTE, O CORPO E O COMER:

recomendações eugenistas sobre alimentação e beleza obtidas no acervo do Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2023.40669>

LUIZ GUSTAVO PESSOA PIRES JABOUR; ALINE MARCOS PIRES; THALITA AMORIM; ETHEL MIZRAHY CUPERSCHMID; EUGENIO PACCELLI DA SILVA HORTA; LUCIANA DINIZ SILVA*

RESUMO: Com o objetivo de compreender e refletir criticamente sobre o papel histórico da nutrição no Brasil e a influência da eugenia neste país, os autores debruçaram-se sobre o acervo do Centro de Memória da Medicina da UFMG. Conforme os princípios da investigação qualitativa, realizou-se uma pesquisa documental nos arquivos do museu, conduzindo à seleção de obras que, analisadas criticamente, evidenciaram conceitos da linha de pensamento corrente entre os defensores da expansão do pensamento eugenista no país. Empossados de uma ciência dogmática, os eugenistas descreveram um ideal de ser humano, classificando a má nutrição brasileira como um fator de “degeneração” de suas ideias de beleza e robustez. Baseados nesses achados, observamos que o homem, frequentemente privado de pilares para reflexão crítica, vislumbra alcançar, de forma obsessiva, o ser “são”, “robusto” e “belo”. Torna-se essencial que as medidas (metrom) passíveis de categorizar o homem (anthropos) sejam inclusivas, plurais e reveladoras de diversas realidades.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Aparência Física. Alimentação. Eugenia. Antropometria.

The art, the body and eating: eugenics recommendations for food and beauty obtained from the collection of the Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais

ABSTRACT: To understand and reflect critically on the historical role of nutrition in Brazilian society and eugenics' influence, university students and professors conducted research using the Centro de Memória da Medicina da UFMG collection. According to the principles of qualitative investigation, documentary research was made, leading to the selection of works that, analysed critically, exposed concepts from the line of thought of those who contributed to the expansion of eugenics in Brazil. Guided by a dogmatic science, the eugenists described an ideal human being, classifying Brazil's nutritional status as a cause for the degeneration of their ideas of beauty and robustness. Based on these findings, we observe that man, often deprived of significant pillars for critical reflection, envisions reaching obsessively the man characterised as "perfect", "robust", and "beautiful". The measures (metrom) capable of categorising man (anthropos) should be inclusive and plural. Keywords: Art. Body. Diet. Eugenics. Science.

KEYWORDS: Art. Body. Diet. Eugenics. Science.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Introdução

O termo eugenia foi cunhado no final do século XIX pelo inglês Francis Galton, com o significado de “bem-nascido” (BARNETT, 2004). No início do século XX, essa ideia ganhou significativa tração pelo mundo, diante da crença de que seria possível adequar a reprodução humana à perpetuação de caracteres tidos como protótipos (SMITH, 2020). Todavia, houve distribuição heterogênea dos conceitos pelo planeta, com a formação de distintas vertentes de pensamento que adaptaram os ideais eugênicos à realidade dos países nos quais seus idealizadores se inseriam (SOUZA, 2009).

No Brasil, a eugenia materializou-se como uma corrente de pensamento travestida de ideais de “modernidade” e “avanço científico”, aproveitando-se do entusiasmo pelas políticas públicas e sanitárias manifestado no início do século XX e conquistando parcela significativa dos profissionais médicos em exercício no país (STEPAN, 2004; SOUZA, 2009). Nesse período, observou-se a publicação de volumosa literatura com o objetivo de difundir o conceito do ser humano “correto”, valendo-se de sofisticado jargão para definir não apenas as características de um ser ideal, mas também os hábitos a serem cultivados para alcançá-lo, o que auxiliou a concretizar a eugenia nas práticas de “higiene social” (STEPAN, 2004).

Essa abundante literatura culminou na realização, em 1929, do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, com a presença de importantes personalidades médicas do período, como o médico Renato Ferraz Kehl, expoente do pensamento eugenista no Brasil (SOUZA, 2009). Com o propagar de suas ideias e a materialização de obras eugenistas no país, pode-se afirmar que a eugenia foi importante componente da medicina brasileira do século XX.

Nesse contexto, o acervo museológico representa oportunidade particular para se abordar o tema, pois elementos históricos que enriquecem a discussão deste estão preservados e catalogados em diferentes arquivos distribuídos pelo Brasil. É o exemplo do Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMEMOR), onde a preservação de exemplares ligados à prática médica permite o estudo

de momentos históricos e linhas de pensamento vigentes em distintos períodos temporais.

Diante disso, alunos e professores, em conjunto, fizeram a pesquisa e a seleção, no CEMEMOR, de obras que abordavam a estética e os padrões do corpo humano, assim como os ideais pré-determinados para a beleza física e intelectual. Durante esse processo, destacou-se a forma como a nutrição é descrita nos textos sobre eugenia e higiene social: em particular, Renato Kehl a classifica como um dos procedimentos para a “profilaxia da feiura” em seu livro “A cura da fealdade” (a cura da feiura) (1923).

Observa-se que muitos dos eugenistas propuseram-se a encontrar causas para a aparente “degeneração” do povo brasileiro e encontraram na nutrição deficiente deste uma oportunidade de intervenção e aplicação de conceitos eugênicos, tornando-a uma “via” facilitadora da beleza ou do biótipo ideal. São exemplos conhecidos a série “Cartilha de Alimentação do Brasil”, de Mário Rangel (1938), as ideias de Gilberto Freyre, autor de “Casa grande e senzala” (STANCIK, 2006), entre muitos outros (SOUZA, 2009).

Em consonância às outras áreas do estudo da saúde humana, em especial no que se refere a sua finalidade, a compreensão sobre nutrição se transformou ao longo dos anos. Nesse campo de conhecimento, sucedeu-se significativa evolução, desde o alimentar-se como necessidade natural e de finalidade existencial até o amadurecimento de conceitos nutricionais terapêuticos e individualizados. Entretanto, nesse alavancar do conhecimento, a relação entre nutrição e eugenia não pode ser ignorada.

Decerto, uma grande parte do interesse pelos conhecimentos de nutrição no Brasil efetivou-se no contexto do entusiasmo modernizador do começo do século XX, o que implicou a sobreposição das ideias de eugenia com a gênese das políticas alimentares brasileiras (VASCONCELOS, 1999). Apesar do arrefecimento da eugenia no período do pós-segunda guerra mundial, perpetuaram-se as suas obras nos arquivos museológicos, como o do CEMEMOR, permitindo o estudo do que, no Brasil, tornou-se um culto da imagem corporal e dos costumes “adequados”.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo descrever e refletir criticamente sobre o papel histórico da alimentação como instrumento para a busca e adequação a padrões sociais determinados no contexto da eugenia e, assim, propor uma reflexão

sobre a forma na qual os alimentos podem adquirir papel determinante na construção da vida social e na determinação da saúde.

Para se alcançarem os objetivos, realizou-se pesquisa com base na metodologia qualitativa, valendo-se da estratégia de pesquisa documental, descritos, respectivamente, por Pádua (1997) e Turato (2005). Esta, em particular, mostra-se apta a “descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências” (PADUA, 1997, p. 68-69). Desse modo, os autores, empossados de livre acesso ao acervo do CEMEMOR, realizaram a seleção de documentos para servirem de fontes primárias ao texto que segue. Em um primeiro momento, realizou-se revisão não sistemática de literatura nas bases SciELO e Google Scholar, a fim de embasar a pesquisa documental. Nesta revisão, conduzida pelos autores de forma independente, descritores definidos foram estabelecidos na plataforma DeCS/MESH, como “eugenia” e “nutrição”, “eugenia no Brasil”, “alimentação”. A busca enfatizou artigos escritos em língua portuguesa, que abordam a temática da nutrição ou história da eugenia no Brasil no século XX de forma direta, sendo eles criticamente revisados e selecionados pelos autores.

Após o estabelecimento de base teórica para a pesquisa documental, foram incluídos todos os documentos catalogados no museu sob os rótulos de eugenia, higiene, nutrição e anatomia, totalizando mais de 200 obras. Em seguida, critérios de inclusão adotados foram: data de publicação no século XX e relação com as temáticas eugenia, alimentação e antropometria. Foram excluídos livros em estado de conservação que impossibilitou manuseio, livros publicados no século XX como reedições de obras anteriores ao período e livros não relacionados à temática descrita anteriormente, resultando em cerca de 70 obras (35% do inicial). Após a seleção inicial, trechos e imagens contidos nos livros foram digitalizados. A partir desse material, *slides* foram confeccionados e expostos para análise dos autores e de convidados. Esses indivíduos eram membros da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Durante a análise, realizaram-se reuniões multidisciplinares em periodicidade de 15 dias, gravadas por meio de aparelho celular, e os autores revisaram as gravações para elencar tópicos de discussão a serem melhor investigados (**Quadro 1**). Posteriormente, foi conduzida uma busca ativa e crítica entre os livros já selecionados, no período de março a junho de 2022, tendo em vista os tópicos elaborados. Essa fase resultou na seleção de 7 livros como fontes primárias

essenciais ao presente artigo. Os livros foram selecionados segundo a pertinência aos tópicos elencados, dando-se preferência às obras consideradas basilares dos diferentes autores, ou seja, aquelas que contemplassem suas linhas de pensamento de forma menos fragmentada. Aos autores, disponibilizaram-se, então, os conteúdos das obras do acervo mediante digitalização por integrantes do grupo de pesquisa, e eles foram convidados a produzir reflexões escritas ou faladas pertinentes ao assunto e a compartilhar obras, vídeos e reportagens relacionadas ao tema. Diante das reflexões produzidas, compartilhadas digitalmente, foi escrito o artigo, destacando trechos e os pensamentos por eles motivados.

Quadro 1. Lista com os tópicos que suscitaram a busca ativa de trechos e imagens sobre nutrição em obras no acervo do Centro de Memória da Medicina (CEMEMOR).

Alimentação, comida, arte e ciência
Saúde, alimentação, bem-estar, arte, imagem, palavra, natureza, cultura, alimento, medicina
Vida, morte
A evolução do corpo ao longo da história
Alimentação inserida ao meio em que nós vivemos
A nutrição para encontrar o corpo ideal
Panorama histórico da busca pelo corpo ideal entre os autores do século XX
O corpo ideal seria o corpo canônico da arte grega
O corpo ligado ao corpo manipulado pela medicina.
A cultura é construída pelo caminhar
O <i>selfie</i> - parâmetro para analisar a própria imagem com a intenção de modificar o corpo
O mito do bom selvagem
Equilíbrio através da maquiagem
Harmonização facial
Maquiagem como recurso ao desgaste da natureza
“Retirar o câncer da beleza da cabeça”
A beleza como promessa de vida eterna
O médico como alquimista, como promessa de vida eterna
Haverá um cuidado paliativo para a beleza?
Cuidado para a beleza <i>versus</i> saúde mental
Corpo feminino e masculino
O corpo da medicina seria o corpo passivo?
O olhar intermediado pelos equipamentos tecnológicos
Eugenismo e racismo presente no IMC atual
A medicina para a população negra
<i>Barbie girl</i> , os bonecos como referência para construção da beleza pessoal
Estetização da imagem do corpo nos livros de medicina
Misoginia, feminicídio
Astênico
A disputa pela “boa alimentação” no contexto brasileiro
O jardim das delícias
Movimentos culturais e sociais/padronização dos corpos em suas “tribos”
Modificação do corpo feminino e empoderamento

IMC, índice de massa corporal.

Desenvolvimento

A definição do belo

A palavra “antropometria” deriva do grego *anthropos* (homem) e *metrom* (medida). Dessa forma, a antropometria é considerada um dos ramos da antropologia direcionado ao estudo das medidas e das proporções do corpo humano. Nesse contexto, são consideradas medidas sistemáticas, incluindo dimensões, tamanho, forma do corpo humano (BLACKBURN, JACOBS, 2014).

Essas medidas sistemáticas do corpo tiveram grande valor para a literatura eugenista, em especial na tentativa constante de atribuir a certas proporções corporais a ideia de “perfeição” ou de “ideal”. No livro “A cura da fealdade”, Renato Ferraz Kehl (1923), eugenista, aborda com clareza tal ideia:

Não basta ser são, ou robusto, ou simplesmente belo para ser um homem eugenizado. É indispensável que reúna estas três qualidades, harmonicamente. (...) A eugenia não pretende criar Apolos e Vênus. Ela se preocupa com as proporções humanas. (KEHL, 1923 p. 29-30)

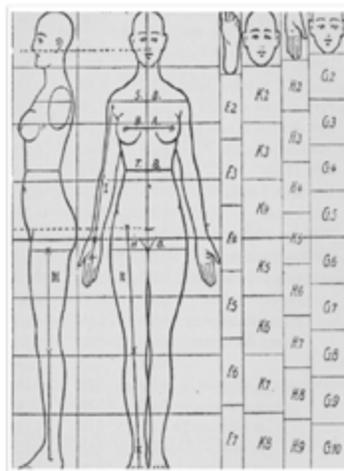
Para estabelecer proporções ideais, os pesquisadores da eugenia valiam-se de procedimentos perversos disfarçados por ideias de “ciência” e “método científico”. Muitas vezes, escolhiam populações consideradas protótipos e as comparavam com outras não tão exemplares sob sua perspectiva. Continua Renato Ferraz Kehl (1923):

Niceforo, fazendo estudos antropológicos nas classes pobres, afirma que a estatura encontrada nestas é manifestamente inferior à das classes protegidas pela sorte. Assim, encontrou entre homens de vinte anos desta última classe a altura de 1,680 e a de 1,648 para os pobres. (KEHL, 1923 p. 38)

A partir de estudos como esse e de concepções arbitrárias repassadas pelos pesquisadores da área, definiram-se proporções exatas representativas de dois grupos distintos: a perfeição plástica e a normalidade física. Para as mulheres, a perfeição plástica seria representada pelas seguintes proporções, dada uma mulher de 1,70m: Altura de

sete comprimentos do pé ou oito alturas da cabeça, ou nove comprimentos da mão ou dez alturas da face, largura entre as espáduas de 40 cm, largura da cintura de 24 cm, largura entre os trocanteres de 33 cm, distância entre os mamilos de 20 cm (KEHL, 1923) (**Figura 1**).

Figura 1. A perfeição plástica feminina. Renato Ferraz Kehl. A Cura da Fealdade: eugenia e medicina social. Monteiro Lobato, São Paulo, 1923, pp. 91.



Já a normalidade física seria determinada pelas medidas: cabeça sete vezes e meia a altura do corpo, tronco medindo mais de quatro cabeças, membro inferior de medida menor que quatro cabeças e membro superior não alcançando três cabeças e meia. A grande abertura dos braços não equivaleria à altura do corpo e a metade do corpo estaria situada na borda superior da sínfise púbica (KEHL, 1923) (**Figura 2A**). Para os homens, as proporções normais seriam, em geral, semelhantes, mas o tronco mediria quatro alturas de cabeça e o membro inferior, igualmente. A metade do corpo estaria logo abaixo do púbis (KEHL, 1923) (**Figura 2B**).

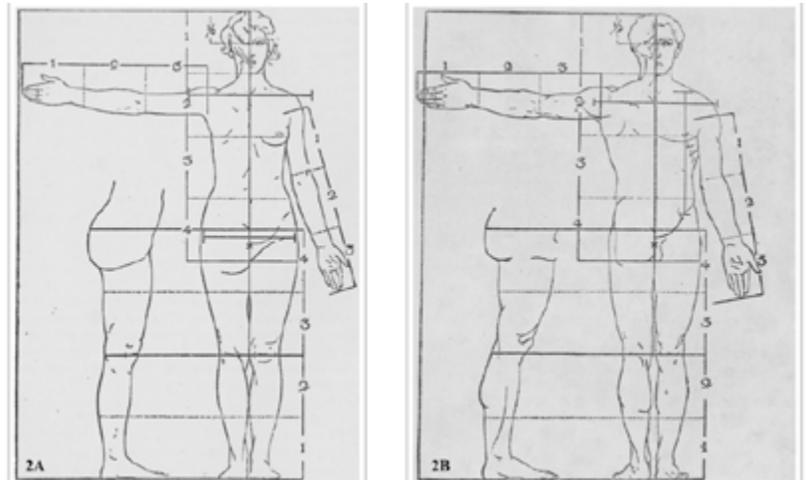


Figura 2. Proporções medias da mulher - O Homem e a Mulher Physicamente Normaes, pp. 31 (A). Proporções medias do homem - O Homem e a Mulher Physicamente Normaes, pp. 33 (B). Renato Ferraz Kehl. A Cura da Fealdade: eugenia e medicina social. Monteiro Lobato, São Paulo, 1923.

Tipos similares de descrição, caracterizando perfis de normalidade antropométrica, mostravam-se comuns em livros de referência de especialidades médicas. No primeiro tomo do tratado de ginecologia de Félix Léon Jayle, de 1918 e intitulado “A anatomia morfológica da mulher” (JAYLE, 1918) (**Figura 3**), o “cânone” contemporâneo foi definido conforme parâmetros similares aos assinalados por Renato Ferraz Kehl.

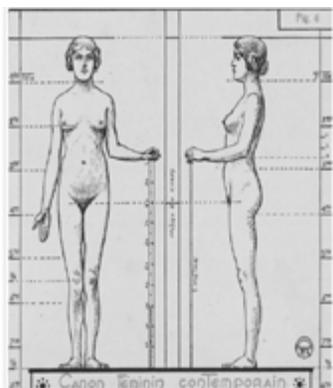


Figura 3. Canon Féminin contemporain. Félix Léon Jayle. Tome I - L'anatomie morphologique de la femme. Masson & Cie, Paris, 1918, pp. 43.

Decerto, o estabelecimento de padrões corporais por meio de metodologias eminentemente matemáticas ou científicas teve importante contribuição para sustentar o pensamento eugenista e para classificar os indivíduos de acordo com a composição do corpo. Entretanto, diferentes conceitos foram incorporados à concepção de beleza, que ultrapassou os limites das proporções corporais e adquiriu valores culturais, sociais, comportamentais, entre outros.

Do livro intitulado “Conselhos à minha filha” de Aracoeli Gonçalves Pinheiro (1961), foram identificados trechos direcionados à imagem corporal adequada como demonstrado abaixo. Em síntese, no texto elaborado por Aracoeli, as mulheres devem perseguir de forma obstinada a “boa aparência” que espelha personalidade sedutora e interessante em contraposição à aparência vulgar que expressa natureza ridícula, frívola e comum:

A aparência pessoal é como o espelho em que nos refletimos; de maneira geral, revela a nossa personalidade; mesmo não sendo psicólogos, é fácil avaliar a personalidade de um indivíduo, pelo que sua aparência irradia. Ela é como que um intérprete. Uma personalidade interessante e sedutora será, com toda a certeza, revelada através de uma aparência atraente; enquanto que uma natureza ridícula, frívola, comum, será expressa por uma aparência vulgar. (PINHEIRO, 1961 p. 24)

Demasiado comum entre as obras avaliadas mostrou-se a ideia de que a aparência é o reflexo da personalidade e, como tal, deve se tornar uma prioridade na vida dos indivíduos. Contudo, Aracoeli Pinheiro (1961) defende que ela não pode ser a finitude da existência: “a criatura humana não foi constituída para servir de regalo aos olhos, como enfeite de salão. Dela se espera uma participação mais sensata e eficaz na sociedade.” (PINHEIRO, 1961 p.25)

Aracoeli (1961) defende, ainda, que a aparência alcançada pelo esforço é mais louvável que a beleza com a qual se nasce:

Não constitui mérito excepcional o fato de uma pessoa ser bonita, só porque Deus lhe concedeu essa graça; merece maior apreciação a aparência agradável conquistada pelo esforço próprio. Esta, sim, constitui verdadeira vitória. (PINHEIRO, 1961 p.25)

Em contraponto, Hernani de Irajá (1931), conhecido eugenista brasileiro, defendeu no livro “Morfologia da Mulher”:

O espécime animal, quando vive em ambiente natural de fartura, é tanto mais belo quanto mais selvagem [...] Os mais selvagens tornam-se mais plásticos, mais harmoniosos, melhor constituídos fisicamente. (IRAJÁ, 1931 p.25)

A ideia de que a beleza é característica natural dos indivíduos era fundamental para o pensamento eugenista. A partir desse conceito, foi possível depreender que as populações tidas como belas, notadamente as europeias, ou os indivíduos belos eram assim por natureza, e deveriam existir fatores capazes de explicar as diferenças em relação aos demais. Portanto, a concepção da “feiuura” como caracter adquirido tornou-se uma máxima para aqueles que propunham intervenções para corrigi-la ou até mesmo preveni-la. Da obra de Renato Ferraz Kehl (1923):

A fealdade não é atributo natural da espécie humana: corresponde a um desequilíbrio provocado por diversas causas, tais como a doença e a degeneração. Pela ação da primeira, se fica feio; pela ação da segunda, se nasce feio [...] A fealdade é um efeito, e não há efeito sem causa. (KEHL, 1923 p. 193)

A “feiuura”, portanto, adquiria características de uma entidade médica, com etiologia, fisiopatologia, tratamento e prevenção.

A alimentação como promotora da “beleza”

Estabelecida essa sustentação “científica” para definição objetiva da beleza e da feiuura, houve grande empenho dos escritores eugenistas para classificar os fatores associados à origem e prevenção destas. Nesse cenário, a alimentação incorporou para si grande importância, sob numerosas perspectivas.

Em aspecto mais restrito, estabeleceu-se relação de causa e efeito entre a alimentação e aspectos pontuais da aparência, como, por exemplo, o cuidado com a pele. É o que se encontra no livro de Aracoeli Gonçalves Pinheiro (1961):

A má eliminação é a pior inimiga da pele. Ela quase sempre é a responsável pela palidez, manchas e erupções. É vitalmente necessário estabelecer hábitos que ajudem a prevenir essa anormalidade. O primeiro deve ser o hábito do horário regular para as refeições, especialmente a da manhã, começando cedo o ritmo mecânico do organismo que ajuda a eliminação (PINHEIRO, 1961 p.31)

Similarmente, Renato Kehl (1923) discute a nutrição como profilaxia e tratamento para a acne:

Aconselhar o doente (com acne) a abster-se de certos alimentos apontados como prejudiciais à pele: conservas, peixe do mar, pimenta, substâncias excitantes e gordurosas. Combater a prisão de ventre e as perturbações intestinais. (KEHL, 1923 p. 388)

Aqui, reconhece-se a intersecção fisiológica entre o hábito intestinal e o alimento, sob uma perspectiva estética. De forma parecida, o papel dos costumes alimentares na saúde geral dos indivíduos ganhou destaque. Afinal, a doença foi reconhecida como um agente etiológico da feiura, e preveni-la seria fundamental para assegurar aos indivíduos seu vigor e energia vitais.

Para as crianças, por exemplo, o cuidado com a alimentação seria de fundamental importância para a “saúde”, como aponta Renato Kehl (1923):

(...) Para uma criança viver, prosperar, crescer, desenvolver-se; para se tornar, enfim, um adulto física, plástica, eugenicamente perfeito - “bom animal” - no dizer de Emerson, é necessário que venha ao mundo despida de taras blastofóricas, de males hereditários. A amamentação, o aleitamento artificial, é muito e muito importante (...). (KEHL, 1923 p. 282)

Todavia, o autor defende que a alimentação *per se* não seria o determinante da mortalidade ou da inviabilidade da vida infantil: “porém, julgo, como condição principal de vida, que a criança seja um produto de conjugação de boas taras ou melhor, de bons pronúcleos, ou mais simplesmente, gerada por pais fortes e sadios.” (KEHL, 1923 p. 282)

Portanto, mais importante que uma criança bem alimentada seria uma criança gerada por progenitores dotados da perfeição eugênica. Aquela que fosse criada por pais “fracos” sucumbiria ao primeiro desafio do ambiente, como uma alimentação inadequada. Dessa maneira, a “higiene alimentar” ainda deveria ser seguida a rigor e, por ela, entende-se a alimentação de acordo com os ditames e fundamentos da higiene social.

Entre os conceitos dessa “higiene alimentar”, estava a realização de que nos alimentos poderiam ser encontradas as bases tanto para a saúde quanto para a doença. No que se refere à doença, compreendia-se a fraqueza oriunda de uma alimentação insuficiente ou desbalanceada, como escreveu Mário Rangel na “Cartilha de Alimentação do Brasil” (1938):

Sendo assim mal alimentado, adoece facilmente, torna-se fraco, anêmico, vem a sofrer de vermes (opilação, amarelão), tem pouca resistência. Nas cidades, onde há muitos tuberculosos, facilmente a pessoa enfraquecida por má alimentação apanha essa doença terrível, cuja cura é muito difícil. (RANGEL, 1938 p. 2)

Na década de 1930, tornou-se importante a classificação de “alimentos protetores”, valorizada pela Comissão Técnica da Organização de Higiene da Sociedade das Nações, conforme narra Renato Sousa Lopes (1946) em “A Ciencia de Comer e Beber”, livro da década de 1940. Entre esses alimentos, estariam aqueles considerados fundamentais para o bem-estar e desenvolvimento de uma sociedade, como leite e derivados, ovos, frutas, herbáceos, peixes gordos, carnes, miúdos, azeite, entre outros.

No entanto, como foi discutido para a beleza, era comum para os eugenistas a expansão de conceitos como a alimentação para novas esferas do conhecimento, com novas implicações, muitas vezes perversas. Por detrás da classificação de alimentos como protetores ou da recomendação de certos hábitos em detrimento de outros, por exemplo, reside a ideia de relação de alimentos com certas características humanas eugênicas, tal como a inteligência. Sobre isso, consta no livro “Guia da alimentação”, da década de 1940, de Nicolau Ciancio (1944):

Conta esse grande naturalista (Alexandre von Humboldt), no seu célebre *Voyage aux régions équinoxiales*, que, na região do Amazonas, notou que nas zonas onde as tribos selvagens comiam mais bananas, os índios eram mais inteligentes e suas aldeias apresentavam maiores provas de adiantamento e de civilização. (CIANCIO, 1944 p. 9)

Para Ciancio (1944), entretanto, essa não era a única evidência de uma relação causal entre alimento e inteligência. Ainda em seu livro:

A Academia de Medicina, de Paris, apresentou um memorial ao governo francês, no qual aquela douta assembleia afirmava que as maiores civilizações do mundo, a grega e a latina, tinham nascido de povos que se alimentavam com pão de trigo, exclusivamente do trigo! E que o pão misto, decretado pelo governo da França, oferecia grande perigo à inteligência francesa. (CIANCIO, 1944 p. 9-10)

Houve, assim, insistente tentativa de estabelecer padrões dietéticos a partir da ideia de que certas características humanas estavam relacionadas a tipos específicos de comida. Desses dois trechos, porém, podem-se depreender certas reflexões: em primeiro lugar, a natureza observacional e empírica dos estudos científicos foi desvir-

tuada com o objetivo de sustentar uma relação de causa e efeito a princípio inexistente. Uma observação transversal e sem metodologia bem definida, como fez a academia de Paris ou Alexandre von Humboldt, não guarda em si poder para estabelecer relações de causalidade, incorrendo em uma falácia ecológica (LONEY, NAGELKERKE, 2014). Usava-se, pois, a reputação do método científico para consolidar conclusões convenientes à higiene social.

Ainda, observa-se clara iniciativa para relacionar a alimentação com o desenvolvimento social e, em particular, com a ideia de civilização e progresso. Para o ideal higienista, o conceito de “beleza” - e as formas de alcançá-la - não mais seria que natural extensão da ideia de “civilização” à qual aspiravam, ou seja, dos padrões de vida e comportamento que tratavam como adequados. A consequência lógica desse pensamento e da determinação da higiene alimentar como requisito para a civilidade era a conclusão de que o Brasil encontrava na ausência de uma política alimentar consolidada um entrave ao seu progresso. Consta na “Cartilha de Alimentação do Brasil”:

Um povo mal alimentado não produz rendimento no trabalho, embora trabalhe muito. A má alimentação tira a disposição, a coragem, e iniciativa. O país não progride. [...] A grandeza de uma nação depende da alimentação de seu povo. O que falta ao brasileiro é boa alimentação. (RANGEL, 1938 p. 3)

E, como que em complemento, Renato Sousa Lopes, em “A Sciencia de comer e beber” (1946), reforça:

Cuidam os nossos estadistas do importante problema da profilaxia da sífilis, dos males venéreos, da ancilostomíase, do paludismo, mas parecem esquecidos de proteger as energias físicas, morais e intelectuais de uma raça que se desnute e se inferioriza. (LOPES, 1946 p. 9)

Como se pode observar, unânimes eram as declarações que denunciavam a condição alimentar do Brasil, tida como culpada pelo “atraso” do país em relação a outro.

Entretanto, embebida no conceito de atraso estava a ideia de “raça” que sustenta o pensamento eugenista, ou seja, a ideia da existência de um protótipo de beleza, costumes, comportamento, à qual deve aspirar o homem. Na defesa dos “alimentos protetores”, por exemplo, afirma Renato Sousa Lopes: “em todo regime deverá, portanto, constar determinada quantidade de alimentos protetores, dotados de princípios indispensáveis à perfeita saúde e necessários com o fim de evitar a degeneração da raça” (LOPES, 1946 p. 23)

A degeneração apontada é a mesma que anteriormente foi definida como um agente capaz de fazer as pessoas nascerem feias por Renato Kehl (1923). E o reflexo das ideias de raça, beleza e bons costumes não se manifestava apenas na recomendação de quais alimentos ingerir, mas também no quando, onde e como comer.

O preparo adequado da sala de jantar, por exemplo, seria crucial para garantir a boa digestão e prevenir a ocorrência de distrações ou sustos, como consta no livro “Guia da alimentação” (1944):

A sala de jantar devia ser um primor de beleza e harmonia, resultado da obra de três artistas: o construtor, o pintor e a dona de casa. [...] Sêde humanas, senhoras donas de casa! Tende piedade do estômago, não nos importuneis com sons berrantes durante o seu trabalho. (CIANCIO, 1944 p. 5)

Da mesma forma, o comportamento à mesa e o ambiente deveriam ser idealmente quietos, sem incômodos ou fatores desencadeadores de eventuais devaneios:

Quando se come, é preciso ter o espírito calmo: Não ler o jornal na mesa, não pensar em negócios e não ouvir nessa hora as informações ou as músicas do rádio, que por associação de ideias, podem distrair a atenção, quando não chegam a incomodar, diretamente. (CIANCIO, 1944 p. 5-6)

Sobretudo, engendrou-se uma proposta completa para os hábitos alimentares, passando desde a escolha dos alimentos até a organização do espaço para a alimentação.

Considerações finais

Livros que compõem o acervo do Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMEMOR) foram selecionados para a compreensão do corpo (e suas relações com existência e individualidade) e da alimentação (comida) mesclados em arte e em ciência. Ao observarmos as imagens e ao lermos determinados trechos dessas obras, nós nos perguntávamos: quanto do conhecimento está vinculado à observação e quanto de fato observamos? Em um primeiro momento, as imagens

e os trechos dos livros nos remetiam a um “bem-estar” e a um “princípio de saúde”. Contudo, emergiu como reflexão: o quanto, efetivamente, alguns autores observaram o seu entorno ao ponto de não perceberem que a maioria dos corpos representados não contemplava a diversidade física e cultural da população brasileira?

A visão dogmática da ciência, influenciada pelas ideias eugenistas, vinculou o conceito do “belo” aos padrões estéticos pautados na concepção eurocêntrica da existência. Nesse aspecto, o corpo que não se apresenta em determinados padrões (muito claros e restritos) não é reconhecido e, conseqüentemente, tem a sua existência negada ou restrita (sem visibilidade). Nesse cenário, em busca da beleza física e de costumes e da prevenção da degeneração da raça ou da doença, os eugenistas lançaram mão de ideias desvirtuadas de ciência para traçar regras de conduta, as quais naturalmente se expandiram para o universo da alimentação - nutrição - imagem do corpo.

Contudo, a forma do corpo do homem (*anthropos*), as dimensões (*metrom*), a plasticidade e seus significados carecem de crítica mais aprofundada e capaz de ponderar a “arte” e a “ciência”. As medidas devem ser inclusivas, plurais, complacentes e reveladoras de diversas realidades. No caso da alimentação, por exemplo, o quanto entendemos de proporções, cores, padrões, conceitos e cultura ao elaborarmos um prato ou escolhermos determinados alimentos? O quanto somos indivíduos de fato e o quanto permitimos que nossas escolhas estejam submetidas à indústria alimentar? Quais as relações entre corpo e alimento; ciência e conhecimento; cultura e arte? O homem sempre vislumbrará a medida harmônica entre ser “são”, “robusto” e “belo” arregaçada em parâmetros extrínsecos ao seu meio, cultura, realidade e vivência?

Referências

BARNETT, R. *Eugenics*. *The Lancet*, v. 363, p. 1742, 2004.

BLACKBURN, H., JACOBS, D. Jr. *Commentary: Origins and evolution of body mass index (BMI): continuing saga*. *International Journal of Epidemiology*, v. 43, n. 3, p. 665-669, 2014.

CIANCIO, N. *Guia da Alimentação*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1944.

IRAJÁ, H. *Morfologia da Mulher. A Plástica Feminina no Brasil. Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1931.

JAYLE, L. F. *Tome I - L'anatomie morphologique de la femme*. Paris: Editora EDIGRAF, 1918.

KEHL, R. F. *A Cura da Fealdade: eugenia e medicina social*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato e Companhia, 1923.

LONEY, T.; NAGELKERKE, N. *The individualistic fallacy, ecological studies and instrumental variables: a causal interpretation*. *Emerging Themes in Epidemiology*. v. 11, n. 18, pp. 1-6, 2014.

LOPES, R. S. *A Ciencia de Comer e Beber*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1946.

PADUA, E. M. M. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 2a ed. São Paulo: Papirus, 1997

PINHEIRO, A. G. *Conselhos a Minha Filha - Volume 1*. Rio de Janeiro: Editora Bruno Buccini, 1961.

RANGEL, M. *Cartilha de Alimentação do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Irmãos Di Giorgio & Cia, 1938.

SMITH, E. "Why do we measure mankind?" *Marketing anthropometry in late-Victorian Britain*. *History of Science*, v. 58, n. 2, p. 142-165, 2020.

SOUZA, V. S. de et al. *The National Museum's Physical Anthropology Archives: sources on the history of eugenics in Brazil*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.3, 2009

STANCIK, M. A. *Alimentação e eugenia: reflexões de Gilberto Freyre e Aleixo de Vasconcellos na década de 1920*. *Revista Esboços (UFSC)*, v. 13, n. 16, p. 99-125, 2006

STEPAN, N. L. *Eugenia no Brasil, 1917-1940*. In: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (Ed). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. *História e Saúde collection*, pp. 330-391. ISBN 978-85-7541-311-1. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

TURATO, E. R. *Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa*. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005

VASCONCELOS, F. de A. G. de, *Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968)*. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 15, n. 2, p. 303-316, 1999



